



*rosa oliveira*  
*cinza*



COORDENADOR DA COLECÇÃO  
PEDRO MEXIA

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIII

**manifesto**  
(Ferry/Manzanera)

I am for a life around the corner  
that takes you by surprise  
that comes leaves all you need  
and more besides  
I am for a life and time by numbers  
blast in fast'n'low  
add `em up, account for luck  
you never know  
[...]  
I studied marble flaws  
and faces drawn pale and worn  
by many tears  
I am that I am from out of nowhere  
to fight without a cause  
roots strain against the grain  
with brute force — you'd better  
hold out when you're in doubt  
question what you see  
and when you find an answer  
bring it home to me

© 2013, Rosa Oliveira  
e Edições tinta-da-china, L.da.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Titulo: *Cinza*  
Autor: Rosa Oliveira  
Coordenador da colecção: Pedro Mexia  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Junho de 2013

ISBN 978-989-671-161-0  
DEPÓSITO LEGAL N.º 359 586/13

O QUE FICA DA MEMÓRIA

## as casas em espinho com ruy belo

— *que nome*

*existe para isto que nem mesmo é alegria*

Ruy Belo, *Boca Bilingue*

com este aspecto esplêndido diz ele que vou pela rua principal  
as casas resplandecem onde menos se espera  
na encruzilhada uma delas espreita e diz aqui estou eu sentada  
abrem-se armários há estolas de raposa cor de rosa velho  
atentas, vigiando há décadas  
vestidos negro azeviche brilhante  
prontos a serem transportados  
para alguma cidade desfiada e gélida  
varandas triangulares apontam para o centro do inverno  
na cauda da cidade um descampado aguarda os cães da tarde  
perdido em casebres de papel pintado  
o cheiro a brócolos nas escadas  
exemplo do pôr-do-sol aqui pousado eternamente

tu envolto no amarelo cansado de fim do verão

como são estas vidas suspensas e convictas  
disponíveis na sua clausura de casas de outro tempo  
imanência e rigor da poesia

releio ruy belo  
insuportável como a música  
a cara do meu filho está na página seguinte  
truques que o pensamento débil nos ensina e que ruy belo não permite  
é insuportável ler rodoreda com as suas flores espalhadas

é insuportável a literatura  
único bem neste pôr-do-sol de todos os outros

virar a página assusta como a guinada no coração  
ao conduzir uma leve tontura  
presságio do acidente que nunca chega  
parábola do ataque cardíaco  
alguma coisa na memória antecipada do nosso corpo  
produz um pó inútil

daquela casa via o nevoeiro eterno  
as varinas gritavam «vivilha d'espinho!»  
sentia o rumor das aldeias que acorriam à feira e eu com elas

o pôr-do-sol é platão que regressa  
dizem que era feio  
e que aristóteles era um janota  
o pôr-do-sol inclemente do peloponeso  
não é o pôr-do-sol melancólico  
escandinavo de espinho  
é um poema longo com prefácio intrincado  
virado para dentro  
como tu do avesso  
o livro está pousado como a mão de um homem

queria ser a forma distendida do poema  
deambulação sem mapa  
os olhos secos com a poeira da leitura  
respiro fundo  
sei que o único lugar é este

no tecido agreste das tuas palavras  
leio ruy belo  
há outros homens por trás dele  
caindo um a um nas páginas opacas

poemas longos como o sofrimento  
linhas contínuas de anestesia  
posfácios de livros em branco  
enrolados na espuma sólida do mar de espinho

meio dia na areia fina e brilhante  
o quartzo microscópico reflecte o sol a pique  
esse mineral generoso de nome incerto

na avenida 8 espera-me outro poeta que pede gins  
e adormece em todos os balcões  
murmura relatos de quando enlouqueceu  
e saiu nu debaixo de um casacão de inverno  
com um frasco de eno no bolso interior  
tinha medo da contra-revolução  
esbracejava na rua dentro do casaco armadilhado  
e repetia a quem passava:  
«hoje é a noite certa para a vida!»  
uma tarde esperou-me sóbrio na esplanada  
exaltou um novel romancista que li com certa forma de nojo  
a literatura está cheia de gente com prosápia  
gente acéfala que recebe prémios  
e quando não recebe  
descalça-se e geme de olhos fechados como os fadistas  
os fadistas da literatura ainda são mais intoleráveis  
que os fadistas de viela

nada disto persiste em espinho  
cidade como beirute com as vísceras a céu aberto

a caminho de madrid  
imprimes mentalmente o teu capítulo da história literária  
unívoca  
em linha recta como a porrada metafísica  
do outro sempre a candidatar-se ao soco

há quem disserte sobre um real que não regressa nunca  
não pode regressar por impossibilidade teórica da alegria

a luz dourada das folhas treme  
o vento constante insiste  
sobre a luz derramada em espinho  
poderia ficar aqui até começar a canção de setembro  
ver passar a senhora da ajuda  
sobre tapetes idiomáticos de flores e conchas

não posso ler porque as palavras cheiram a ti  
calo-me e emudeço  
para sempre não é palavra aceitável  
preciso de cigarros  
não sei fumar  
escrevo no verão como ruy belo  
vejo o declinar do sol sobre a barba profética  
na busca de uma epifania que salve alguém  
que faça qualquer coisa para cá da morte

sentada nos meus dias nos meus sonhos  
assisto à vida ínfima das coisas e de nós nas coisas  
objectos úteis que nos fazem tropeçar  
acordos, mediações  
olhos nos olhos com o mal  
estou no fundo das escadas da casa da rua 18  
a escrever primeiro e pensar depois  
as ruas antigas não mudavam de cara de ano para ano  
enquanto pestanejas dura a guerra de tróia

I am the distance you put between  
all of the moments that we will be

you know who I am  
you've stared at the sun  
I am the one who loves  
changing from nothing to one

em 78 ouvia cohen lia ruy belo e comovia-me  
não sabia bem para quê  
em 78 ninguém se comovia sem razão  
seria comoção racional vinda do futuro  
um toque de melancolia de montaigne  
espinho, portugal a devorar elegias  
ecos distantes  
quase radiofónicos  
de opiniões sobrepostas

os fenícios talvez tenham passado por aqui  
deixando pegadas na areia  
onde estão os fenícios hoje?  
onde estaremos amanhã  
depois de gastarmos as energias que nos eram destinadas?  
onde estamos nós na memória dos fenícios?

o sol acabou de mergulhar  
ao longe já não vejo as casas convalescentes da granja  
levanto-me e caminho no paredão  
que pessoa vou ser agora?

fallaste corazón  
no vuelvas a apostar

## o que fica da memória

o que fica da memória é um olho a piscar

o que fica da memória  
gene que sobrevive ao tempo  
momento único de uma década  
sem testemunhas  
certa frase entrecortada  
perdura  
gesto sobreposto em camadas de tempo  
o buraco funerário do coelho  
em fuga  
um chapéu de bom feltro  
a mão de setenta e seis anos nele pousada  
alisa  
a quilha hábil  
moldada pelo século XIX

o que fica da memória  
sobrevive  
a doenças e quedas  
entrou por algum poro da mente  
ali ficou reclinado  
acorda sob a luz de uma palavra  
ergue-se à vibração de uma árvore interior

estava ali desde sempre  
e nós em paz porque existia  
silencioso  
atento  
era um ramo pousado no ombro do tempo

agitou-se  
estendeu um braço de dentro do braço  
amiba bocejante  
um pseudo-braço  
para sobrevivência instantânea

o que resta da memória é um pseudópode  
vindo da periferia obscura  
brilha como a múmia no museu deserto  
do bairro degradado  
depois volta a sair pela esquerda baixa  
deixando atrás de si a memória desta memória  
a reverberar  
até se diluir em pó brilhante  
lento  
caindo a pique  
na água cada vez mais escura dos dias





CINZA

de Rosa Oliveira

foi impresso na Guide, Artes Gráficas,  
em papel CoralBook de 90 g, em Maio de 2013.

